



Mitos, Rituais Funerários e Valores Sociais no Egito Antigo (1550-1070 a.C)

Marina Rockenback¹

Submetido em 05/2013

Aceito em 06/2013

RESUMO:

Este trabalho propõe tratar sobre a existência e funcionalidade do mito na sociedade egípcia. A visualização de atitudes e inter-relações, tanto quanto a presença de aspectos duais e o imaginário criado, em torno da construção da memória e identidade dessa civilização, tornam-se base para que possamos delimitar alguns aspectos relevantes de estudo. O contato com a mitologia e a realidade, traz a tona especificidades sociais de extrema valia, de forma que nos são proporcionados contrapontos necessários na construção histórico-social do objeto em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Egito– Mitos –Valores sociais – Simbologia - Dualidade

ABSTRACT:

This work proposes to treat about the existence and functionality of myth in Egyptian society. The visualization of attitudes and interrelationships, as well as the presence of dual aspects and the imaginary created around the construction of memory and identity of this civilization, become base so we can delimit some relevant aspects of the study. Contact with the mythology and reality, brings up social specificities of extreme value, so that we are provided counterpoints needed in historical and social construction of the object in question.

KEYWORDS: Egypt - Myths - Social Values - Symbology – Duality

Introdução

O Antigo Egito, sociedade de maravilhas e de grandes personalidades! É para este lugar, cheio de mistérios, que iremos fazer uma breve viagem neste momento tratando aqui um pouco sobre mitos, ritos funerários e alguns valores sociais. Fazendo

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta-UNISUAM; Pós-graduada em História Antiga e Medieval pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – NEA/UERJ; Pós-graduanda em Estudos Clássicos pela Universidade de Brasília. - ARCHAI/UNB Professora Pesquisadora do NEHMAAT. marinarockenback@gmail.com



uma pequena viagem no tempo, chegamos ao Egito em torno de 1550-1070 a.C; período este, chamado de Reino Novo, que foi de grande ascensão e prosperidade. Iniciamos nossa pesquisa delimitando a funcionalidade do mito e delimitaremos o mito de Isis e Osiris, como base para desenvolvimento da pesquisa em torno do tema proposto. Abordaremos a estrutura do mito e de certa forma seu reflexo na sociedade e em seus indivíduos formadores.

Mito, rito funerário e valores sociais

A sociedade egípcia construiu uma grande variedade de mitos que representam situações do dia a dia, valores sociais, temas ligados também à cosmologia e à cosmogonia. Vemos em César (2009, p.25) “A ideologia egípcia não era estática e imutável, ela se adequava às inovações e mudanças da sociedade”. (CÉSAR, 2009, p.25) A maioria dos mitos apresenta-se de forma fragmentada, ou seja, não estão completos. Alguns, por conta do passar do tempo, causando desgastes e perdas de alguns elementos; outros não estão completos devido ao fato de múltiplas interpretações, como em tudo em nossa vida, temos visões diferentes, e são essas diversas interpretações e releituras que causam um desacordo entre algumas partes.

Mas, muito embora, isso aconteça, é perfeitamente possível montar o quebra cabeça da história e entender a função do mito, e qual era a essência de sua mensagem.

É interessante ressaltar a reformulação e apropriação dos mitos no decorrer do tempo e na constituição das sociedades; e podemos observar que algumas representações míticas diferentes apresentam uma mesma estrutura, com *personagens* e locais diferentes, mas sem perder a sua ideia inicial.

O mito era uma forma de explicação para processos naturais que estavam sem resposta no pensamento egípcio, tais como a criação do mundo, da raça humana e o pós-morte. Os mitos também passavam um tipo de moral, concepção de ordem e caos, e valores éticos que deveriam ser seguidos e ensinados às próximas gerações. (GRALHA, 2009, p. 14.)

O mito escolhido para ser utilizado no decorrer deste artigo refere-se ao mito de Isis e Osíris transcrito por Plutarco, grande filósofo e prosador grego. A escolha



de uma narrativa grega para um mito egípcio justifica-se porque mesmo contendo muitos elementos gregos, no momento em que Plutarco transcreve o mito ele é o mais fiel e completo, a nosso ver, porque conta de uma forma que ao selecionarmos os pontos principais produz a possibilidade de um entendimento pleno da essência do mito.

Para melhor entendimento da questão, propomo-nos esclarecer o mito supracitado. O mito de Isis e Osíris começa assim:

Osíris, Isis, Neftis e Seth, são irmãos, e respectivamente cônjuges.² Seth casou-se com Neftis e Osiris com Isis, e na divisão das terras do Egito, Seth fica com o deserto e Osíris com a terra fértil. Alguns recorrentes acontecimentos fazem com que Seth crie uma emboscada contra seu irmão, sendo assim manda fazer um ataúde, com ajuda de outros homens, na medida exata de Osiris e promove uma festa. No momento da festividade, propõe uma brincadeira na qual quem coubesse no ataúde o ganharia. Claro que já sabendo quem seria o vencedor.

Assim que Osíris se deitou, Seth mandou lacrar o sarcófago e jogá-lo no Nilo. Isis, esposa-irmã de Osíris, sai em uma busca incansável pelo corpo do marido, procurando por todas as partes encontra-o, mas Seth que estava na espreita em um momento de distração de Isis, esquarteja o corpo de Osíris e espalha-o por todo o Egito. Então, novamente Isis sai em busca de Osíris, cada região que chegava encontrava uma parte do corpo de seu esposo, e foi assim um a um. Apenas não encontrou o falo, que de acordo com o mito, fora engolido por um peixe do rio Nilo. Para que pudesse engendrar o nascimento de um filho e herdeiro de Osíris, Isis cria um entorno mágico e ritualístico, em que aparece como a Isis Alada, trazendo o marido de volta a vida por alguns instantes, com um falo simbólico e engravida desde então. Após o nascimento de Hórus, Isis o esconde até que possa se defender e enfrentar Seth. Até que um dia, Horus, está preparado para o combate, e vai de encontro ao tio, para vingar a morte do pai.

Esse foi o breve relato do mito, e podemos perceber nele as paixões humanas e aspectos culturais do nosso cotidiano, tais como inveja, ciúme, vingança, lealdade, companheirismo, importância da família. E principalmente aspectos

² É relevante ressaltar que no Egito Antigo, o casamento entre irmãos era comum, e incentivado, pois não havia melhor maneira de perpetuar e legitimar um poder real e divino do que manter a linhagem dentro de sua própria família.



representativos de como eram os ritos funerários, visto que o próprio personagem Osíris se torna deus do submundo.

Por muitas vezes, os mitos representaram coisas que acontecem na vida do ser humano e podem transpassar tempos históricos e espaços sociais. A dualidade vista aqui no mito está presente ao vermos a noite e o dia, o deserto e o Nilo, o bem e o mal, esposo e esposa. Não podemos ver o dual, em questão como algo do avesso, a dualidade não é apenas composta de partes contrárias ou antagônicas, essas partes são também complementares; é necessária, portanto, a presença dos *dois* para que o *um* possa existir.

A própria relação entre os deuses e o homem é de forma oposta e complementar, pois os deuses como vemos apresentam características e ações semelhantes as dos humanos. Contudo, também apresentam poderes que os homens não possuem. O mundo divino e o mundo terreno precisam estar em Maat, ou seja, precisam estar em equilíbrio, e é assim com todos os outros aspectos, segundo a civilização egípcia, porque o equilíbrio é fundamental para uma vida plena.

Nesse contexto, o *mal* nunca será extinto, pois nada é totalmente puro e bom e deve sempre existir equilíbrio e harmonia entre os elementos. Por isso, os limites e excessos devem ser controlados. Frederic Servajean (2008,p.1-4) trata o pensamento dualista tendo forte característica da mentalidade egípcia.

Um mito apresenta uma importância social e cultural imensa, pois são nas pequenas historietas que conseguimos enxergar muitos dos valores e das normas de uma determinada sociedade — neste caso a egípcia.

Um dos pontos que nos intriga muito é a concepção de vida e de morte para o homem egípcio. Para os egípcios antigos a morte não era algo ruim, era apenas uma transição, uma etapa. Ou seja, vivia-se a vida terrena, a qual se devia seguir e cumprir tudo que o torna-se um homem pleno, verdadeiro e de valores. Após a morte, o indivíduo passava por um julgamento, feito por Osíris, no qual seu coração devia ser leve como uma pena, para que tivesse o direito de ter a sua vida no submundo, caso contrário era condenado à inexistência, acabava ali então a sua jornada.

O deus era o principal do panteão funerário. A pessoa quando morria se tornava um Osíris. Ele também era o Senhor do Tribunal do Julgamento do coração. Se a ideia da mumificação nasce com o mito de Ísis e Osíris, essa é praticada até o final do período faraônico. (CÉSAR, 2009, p. 39).



O livro dos mortos conta-nos esse processo, além dos próprios fragmentos de mitos, e da documentação imagética. Quem possuía um exemplar tinha a garantia simbólica de que estaria diante da possibilidade de saber como portar-se diante dos deuses. Porque também seria considerado uma espécie de guia para o morto, em que o mesmo aprenderia como reagir e o que falar diante desse processo de julgamento.

Outro ponto destacado da questão fúnebre egípcia são as carpideiras, mulheres que tinham como função específica chorar a morte do ente querido, mas não por ser algum ruim, mas para demonstrar a importância que aquela pessoa teve em vida, e que continuará tendo, mas agora no submundo. Inclusive, no próprio livro dos mortos no capítulo 175, vemos uma mensagem tranquilizadora ao homem, visando amenizar os receios que se tem sobre a morte.

É importante ressaltar aqui que o submundo tratado não se refere à ideia de inferno que temos hoje, é apenas um termo para designar o local para onde se vai após ter morrido e ter sido concedido o direito de permanecer existindo e exercendo todas as funções assim como em vida. É interessante perceber em diversas representações imagéticas a presença de elementos essenciais representados, dentre eles o banquete oferecido em rituais, em que temos pão, cebola, bebidas, frutas, o que nos fornece uma elucidação de alimentos comuns da época e local.

Como os egípcios esperavam que seus mortos pudessem desfrutar, no outro mundo, de uma vida similar àquela terrena, era necessário que se fizessem os rituais adequados que permitissem restaurar as suas faculdades físicas e mentais. O banquete funerário era parte essencial dos ritos fúnebres no Egito. (JOÃO, 2011, p.7).

O imaginário social criado em torno do mito trás para nossa pesquisa a percepção de como o mito influenciava na valoração que compunha a sociedade, quais eram os costumes e as normas daquele tempo. No entorno familiar, vemos aspectos tais quais ser leal à família, para que o homem fosse um bom esposo, pai e principalmente um bom governante; para que a mulher se tornasse uma boa esposa e mãe; e ao filho caberia honrar os ideais familiares. Segundo essas crenças, além disso, estavam relacionadas ao caráter e à organização da sociedade (BAINES, 2002, p. 151).



No entorno social vemos aspectos como, respeitar ao outro, ser leal ao seu líder e com isso é possível perceber então, que cabia ao indivíduo cumprir com seus compromissos na sociedade tanto quanto em sua rotina diária, com os mais próximos.

No mito também encontramos o relato de que Osíris trouxe aos homens sabedoria, que veio para ensinar e educar, o que torna mais forte o indício de que o mito vem mostrar não apenas uma história e sim também transmitir valores e normas. Vemos uma estrutura social em que os deuses se relacionavam com os homens, e seus cotidianos se entrelaçam, conforme percebemos em Baines (idem, p.153) “Todos, inclusive os deuses, participavam juntos de uma mesma totalidade.”

É interessante percebemos que muitas vezes os deuses são representados em forma de animais. Isso para representar seu poder e também para facilitar a identificação dos deuses nas cenas rituais por parte da população, aparecendo suas imagens em objetos de arte e nas paredes dos templos. Hoje em dia, nós temos como forma midiática, vários tipos de revistas, jornais, outdoors, que promovem a circulação da informação em massa, já na civilização egípcia a informação circulava através de amuletos, pinturas, esculturas, entre outros artefatos. O próprio desenho ou imagem representada remetia a ideia do hieróglifo, o que facilita a compreensão e a tradução.

[..] de maneira análoga, nos relevos e pinturas as posições dos braços e do corpo das figuras humanas e divinas devem ser lidas como se se tratasse de hieróglifos: só assim se pode captar o sentido mais cabal das cenas e dos textos [...] (CARDOSO, 1998, p.97).

Segundo John Baines (idem,p.150) os deuses, os homens e os animais sagrados, compartilhavam em muitos aspectos do ser. Ou seja, deuses e animais tinham o potencial de metamorfosear-se, tomando múltiplas formas. Com relação aos homens e os deuses, Baines complementa que é como se eles compartilhassem de uma mesma situação incômoda de estarem existindo num cosmo limitado e ameaçado. Isto porque os limites são necessários em uma estrutura social, porém, é inevitável a tentativa de ultrapassá-los, embora seja de vontade de todos manter o equilíbrio e a ordem.

Para o egípcio, o ser humano é composto por partes que compõem um todo, vejamos as três partes principais: o KA, o BAH e o AKH, força vital, essência moral e espírito, respectivamente. Ser um indivíduo composto o torna semelhante a todo o resto,



incluindo-o a todas as coisas que existem. Pois, saber lidar com o outro e saber lidar consigo o torna completo, à medida que suas ações refletem e influenciam em tudo na vida e no pós-vida.

A religião funerária propunha que em vida os indivíduos eram compostos por uma pluralidade, isto é, eram dotados de um corpo físico (djet), um princípio do sustento (ka), uma personalidade ou princípio do movimento (ba), um nome (ren), um coração (ib) e uma sombra (shuyt), e que isto não valia apenas para os próprios egípcios, mas para todos os seres humanos. (SANTOS, 2012, p.62).

De acordo com a civilização em questão, o próprio céu era dividido em dois, o Duat e o Imhet; o primeiro, provavelmente estava relacionado às palavras que designam “manhã” e “oração matinal”, referia-se ao horizonte leste do céu; e Imhet referia-se ao oeste. (LESKO, 2002, p.146).

O formato cíclico está presente em todos os aspectos egípcios. Observar o sol e a lua mostra-nos bem isso. Para os egípcios ao anoitecer o sol passava por debaixo da terra, passando por obstáculos e desafios para, no dia seguinte, ressurgir. Segundo Leonard Lesko (2002) algumas fontes falam de um céu inferior, que representavam situações difíceis e desagradáveis. A partir disso, podemos relacionar ao motivo de alguns de nossos sonhos e principalmente dos pesadelos?

Pois bem, agora que já conhecemos um pouco sobre os mitos, alguns costumes e conceitos egípcios, retornemos de nossa viagem do tempo passado para nosso tempo presente. Vamos tentar rever a forma de vida deste povo antigo e a forma de vida da nossa atualidade, pense nas semelhanças e nas diferenças. Aprofundar o conhecimento nas origens de tudo faz com que nossa visão para o mundo seja ampliada. Conhecer o passado nos proporciona um presente e um futuro com muito mais sentido.

O homem da antiguidade e o de hoje são de tempos diferentes, mas possuem necessidades muito semelhantes. Hoje em dia, nós também temos os nossos mitos, muitos não tão complexos quanto os dos egípcios, mas com certeza exercem a mesma função, guiar em ações e promover o questionamento, a intuição.

O homem sempre precisou de direção, de ordem. Saber de onde vem e para onde vai, por mais respostas que tenhamos, sempre serão algumas das nossas principais perguntas.



Com relação aos rituais funerários, muitos elementos perpassaram as barreiras do tempo e do espaço, e estão presentes em nossa sociedade. A ideia anteriormente implantada sofre alterações e adequações, mas em essência se mantém. Isso permite que analisemos com olhar detalhado, causando o estranhamento necessário para despertar o interesse em pesquisar.

A incerteza movimentava o mundo, é a nossa busca pelo novo, pela perfeição, pelas respostas, que faz com que tenhamos atitudes, e com que conheçamos os limites e as possibilidades.

Referências Bibliográficas e Indicações de Leitura:

- ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade*. Brasília: UnB, 2000
- BACZKO, Bronislaw. “*A imaginação social*” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985
- BAINES, Jhon. *Sociedade, Moralidade e Práticas Religiosas*. in SHAFER, B (org.) *As Religiões no Egito Antigo*. Tradução de Luis S. Strausz SP: Nova Alexandria, 2002, pp 150.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Editora Cultrix. SP, 1992
- BAKOS, Margaret Marchiori. *Fatos e mitos do antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Sociedades do antigo oriente próximo*. São Paulo: Editora Ática, 2007
- _____. *Deuses, Múmias e Zigurats*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____. *Sete Olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora UNB, 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CÉSAR, Marina Buffa *O Escaravelho-Coração nas Práticas e Rituais Funerários do Antigo Egito*.- Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2009-07-02 , X-276;2v;il.
- DONADONI, Sérgio. *O Homem Egípcio*. Lisboa, Ed. Presença, 1994
- HARIS, J.R. (org.) *O Legado do Egito*. RJ: Imago, 1993.
- JOÃO, MARIA THEREZA DAVID. *Do templo ao funerário no Egito Antigo*:



o exemplo do Ritual de Abertura da Boca. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

KEMP, Barry J. *El Antiguo Egipto: Anatomía de una Civilización.* Barcelona: Crítica, 1992.

LE GOFF, Jacques, *História e memória* - Enciclopédia Einaudi, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

LESKO, Leonard H. *Cosmogonias e Cosmologia do Egipto Antigo.* in SHAFER, B (org.) *As Religiões no Egipto Antigo.* Tradução de Luis S. Strausz SP: Nova Alexandria, 2002, pp 108.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature. Volume II: The New Kingdom,* Los Angeles: University of California Press, 1976.

LIVERANI, Mario. *El Antiguo Oriente: Historia, Sociedad y Economía.* Barcelona: Crítica, 1995

MONTET, Pierre. *O Egipto no Tempo de Ramses.* SP: Cia das Letras. 1989.

NOBLECOURT, Christiane. *A mulher no tempo dos Faraós.* São Paulo: Papirus, 1994.

ROBINS, Gay. *The Art of Ancient Egypt.* Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press 1997.

GRALHA, Julio . *Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egipto 1550-1070 a.C..* 1. ed. Rio de Janeiro: Barroso Produções, 2002. v. 2000.

GRIMAL, Nicolas. *Historia del Antiguo Egipto.* Madrid: Akal, 1996.

PINCH, Geraldine. *Magic in Ancient Egypt.* Austin: Universidade do Texas, 1994.

RAWLINSON, George; GILMAN, Arthur .*Ancient Egypt,* Project Gutenberg eBook, 2005. Décima edição.

SERVAJEAN, Frédéric. *Duality.* In Jacco Dieleman and Willeke Wendrich (eds.), Los Angeles, 2008, *UCLA Encyclopedia of Egyptology.*

Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/95b9b2db> > acesso em 03 de abril de 2011.



SILVERMANN, David P. *O divino e as Divindades no Antigo Egito*. in SHAFER, B (org.) *As Religiões no Egito Antigo*. Tradução de Luis S. Strausz SP: Nova Alexandria, 2002, pp 21.

SHORTER, M.A. e Alan W. *Os Deuses Egípcios*. SP: Cultrix ,1993

SANTOS, Moacir Elias. *A presença de estrangeiros no contexto funerário egípcio do Reino Novo*. RJ. 2012 *Plêthos*, 2, 1, 2012 Texto pode ser encontrado em: www.historia.uff.br/revistaplethos

TRAUNECKER, Claude. *Os deuses do Egito*. Trad. de Emanuel Araujo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

WEIGALL, Arthur, *The Treasury of Ancient Egypt- Miscellaneous Chapters on Ancient Egyptian History and Archaeology*, Edinburgh and London, 1911.

WILKINSON, Richard H. *Symbol & Magic in Egyptian Art*. London: Thames & Hudson, 1994.

WWIDEMANN, Amanda. *Gênero e Mulher no Antigo Egito*. Niterói: UFF - Tese de doutorado, 2007.